

CARTAS EM *I LIBRI DEGLI ALTRI*: A MEMÓRIA LITERÁRIA
(E POLÍTICA) DO SEGUNDO *NOVECENTO* ITALIANO
POR UM INTELLECTUAL¹

LETTERS IN *I LIBRI DEGLI ALTRI*: THE LITERARY MEMORY
(AND POLITICAL) OF THE SECOND ITALIAN *NOVECENTO*
BY AN SCHOLAR

Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade²

Juliane Luzia Camargo³

RESUMO: Na casa editorial criada por Giulio Einaudi (1912-1999), Italo Calvino pôde compartilhar das novidades artístico-literárias do segundo Novecento italiano, além de registrar, por meio de diálogos, suas percepções acerca da literatura e da política italiana da época. A intenção deste trabalho será, então, compreender que é possível visualizar, por meio de algumas de suas cartas, o fazer literário do período, suas discussões e novidades e a interferência do próprio Italo Calvino na sua formação. É o passado sendo reconstituído a cada leitura por linhas íntimas e subjetivas de um intelectual. As cartas citadas estão inseridas no livro *I libri degli altri* (1991), organizado por Giovanni Tesio. A coletânea é formada por 308 missivas, escritas no período de 1947 a 1981.

Palavras-chave: Cartas. *I libri degli altri*. Italo Calvino.

ABSTRACT: In the editorial house founded by Giulio Einaudi (1912-1999), Italo Calvino was able to share the Novecento artistic-literary news, besides registering, through dialogues, his perceptions about Literature and Italian politics of the time. So, the intention of this work will be to comprehend it is possible to visualize, through some of his letters, the literary doing of the period, his arguments and news, and the interference of Italo Calvino itself on his own qualification. It is the past being reconstructed in each reading by personal and subjective lines of an scholar. The quoted letters are inserted in the book *I libri degli altri* (1991), organized by Giovanni Tesio. The collection is composed by 308 letters, written between the time from 1947 to 1981.

Keywords: Letters. *I libri degli altri*. Italo Calvino.

¹ Artigo recebido em 22 de setembro de 2019 e aceito em 18 de novembro de 2019. Texto orientado pela Profa. Dra. Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade (UNESP).

² Professora dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Letras da UNESP.
E-mail: catia.berlini-andrade@unesp.br

³ Doutoranda do Curso de Letras da UNESP.
E-mail: julianel.camargo@hotmail.com



INTRODUÇÃO

I libri degli altri (1991) é uma coletânea de 308 cartas (ativas) do editor Italo Calvino, escritas durante o seu trabalho em uma das casas editoriais mais expressivas do século XX: a Einaudi. O registro das correspondências se dá entre os anos de 1947 a 1981 na cidade de Turim. Conhecido por suas obras literárias universais e por seus textos críticos acerca da literatura, Italo Calvino também foi responsável por intermediar muitas das publicações do século passado, corrigindo e opinando sobre os manuscritos que recebia diariamente em seu escritório. Dentre os seus correspondentes mais assíduos, temos Elio Vittorini (escritor e editor), Elémire Zolla (escritor e filósofo), Franco Fortini (poeta, ensaísta e crítico literário), Leonardo Sciascia (escritor e político), Ottiero Ottieri (sociólogo e escritor) e Natalia Ginzburg (escritora e tradutora).

É por meio do conteúdo e dos diálogos estabelecidos nas várias linhas das 308 correspondências que reconhecemos a participação de Italo Calvino no cenário literário, artístico e político da época. São vários os temas inseridos nas interlocuções. Dentre os mais recorrentes, estão: a própria literatura e o fazer literário do segundo pós-guerra; a política; a especulação imobiliária; e a industrialização, nos seus primeiros passos para a reconstrução do país. Assuntos como esses, e tantos outros, eram discutidos nas correspondências, pois faziam parte do contexto histórico e social das obras produzidas. Com os exemplos a seguir, será possível conhecer um pouco mais sobre o trabalho editorial de Italo Calvino, entendendo a grande referência que o editor era para os escritores da época, comentando não apenas sobre literatura, mas sobre temas diversos.

Assim, a intenção deste trabalho será a de entender, com o apoio das cartas, a participação de Italo Calvino no fazer literário do segundo *Novecento* italiano e quais os conteúdos recorrentes em suas linhas epistolográficas, dentre eles a política daquele momento. Para introduzir as considerações que se seguirão, iniciamos com a apresentação de nosso principal objeto de estudo: a carta, lugar de memória do trabalho editorial daquele que hoje é tido como um dos grandes intelectuais do século passado.

CORRESPONDÊNCIA: A MAIS ANTIGA ESCRITA DE SI

Já classificadas como literatura de menor valor, as escritas de si sofreram discriminação ao longo dos séculos, pois, na maioria das vezes, a sua produção esteve relacionada às mulheres e porque trazia marcas autobiográficas.



Apesar das dificuldades enfrentadas para que fossem reconhecidas como literatura, as escritas de si atualmente estão em destaque no universo das Letras.

Diante das dúvidas e dos embates no cenário literário, Sheila Dias Maciel, em *A literatura e os gêneros confessionais* (2004), posiciona-se, abordando a narrativa autobiográfica em relação à chamada **alta literatura**:

A separação entre a Literatura propriamente dita e as obras confessionais é fruto de uma visão simplista que considera estas narrativas como formas de “não ficção”, devido aos resquícios autobiográficos anunciados. Contudo, não há literatura que não contenha elementos da realidade, assim como a chamada literatura intimista ou confessional não está isenta de desvios da linguagem, posto que é impossível transpor qualquer realidade fielmente retratada para a página escrita. Os gêneros confessionais, portanto, são, como qualquer discurso, uma produção humana entrecortada de ficção. (MACIEL, 2004, p. 75-76, ênfase no original)

Para Foucault (1992), a escrita íntima se aproximaria do ato da confissão já que este seria construído por movimentos internos da alma. Depois de registradas, as ideias – como aquelas escritas em um diário, por exemplo – contribuiriam para uma análise intrapessoal, atuando como uma forma de meditação, e possibilitando mudanças para um possível enfrentamento com a realidade.

Tão antiga quanto à escrita, a narrativa íntima e o registro das vivências do indivíduo só se fortalecem enquanto gênero a partir da sociedade burguesa e, conseqüentemente, por meio da ideia de indivíduo e de sua convicção histórica de existência. Para exemplificar as mudanças e a percepção do indivíduo para consigo mesmo, temos a era dos quartos privados e as escrivatinhas particulares, fechadas às chaves. (CAMARGO, 2018, p. 51)

Desde o seu surgimento, a escrita autobiográfica está relacionada à noção de indivíduo, pairando sobre o limiar realidade *versus* ficção, individual *versus* coletivo, público *versus* privado. As dicotomias citadas ajudam a compreender a sua característica híbrida.



A correspondência é uma das primeiras manifestações das escritas de si que, ao contrário das outras (diários, memórias, autobiografias), é caracterizada pela presença de um destinatário. Capaz de operar uma transformação na realidade, segundo Foucault, a missiva, assim como os *hypomnemata* (cadernos de anotações pessoais utilizados pelos gregos na era pré-cristã), evoca uma relação do indivíduo consigo próprio. Além disso, a carta não opera apenas sobre quem escreve, mas também sobre seu destinatário: “A carta enviada actua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como actua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 1992, p. 146).

Seja por curiosidade, por preocupação para com o interlocutor, ou por um compromisso em não querer deixar o outro sem resposta de algo, o ato de escrever uma carta trabalha não só com o psicológico e com as emoções, mas também com o físico (CAMARGO, 2011, p. 8). Em *A escrita de si* (1992), Michel Foucault sintetiza essa ideia: “Escrever é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (FOUCAULT, 1992, p. 151, ênfase no original). Para enfatizar ainda mais essa característica de fazer o missivista presente durante a leitura de sua carta pelo remetente, em seu livro *Cartas e escrita: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade* (2011), Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo faz uso de uma citação de Virginia Woolf em *Cartas íntimas a Vita Sackville-West*: “Escrever cartas é como lançar o espírito a galope, e ir buscar o que parece estar fora de seu alcance” (CAMARGO, citado em WOOLF, 1994, p. 21).

Carregada de histórias particulares, a missiva está permeada de relações várias, de acontecimentos diários e sentimentos; por isso a capacidade de presentificar o outro com quem se corresponde: a **assinatura** e a **escrita** revelam simbolicamente quem é o signatário. Mas como toda e qualquer forma de discurso, a carta pode não retratar fielmente a realidade, e mesmo como escrita intimista ela pode sofrer também com a influência de manifestações ficcionais. Além disso, de acordo com o professor Marcos Antonio de Moraes, em *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa* (2005), o comportamento do missivista varia conforme o destinatário, ou seja, para cada interlocutor, uma máscara; para cada linguagem, uma intenção. É o que questiona Laura Janina Hosiasson, em *Correspondência e memória* quando apresenta o caráter de encenação da carta: “Até que ponto o conteúdo de uma missiva pode ser considerado verdadeiro?” (HOSIASSON, 2017, p. 85). Constituída pela memória, a escrita epistolar pode sofrer interferência de seus recortes e de seu resgate parcial.

Praticada desde a Antiguidade, a correspondência, além de sua função comunicativa, atua também como apoio à memória, preservando fatos já ocorridos, momentos e lugares delimitados por suas datas. A partir do momento em que são escritas, as cartas se tornam documentos, registrando a história dos sujeitos e de sua cultura.



Para Hosiasson, o espaço da correspondência está situado em um entre lugar, entre os conceitos de memória e história. Tanto a memória individual quanto a coletiva podem dar à carta o caráter de fonte primária. “No entanto, o tempo básico da escrita epistolar é o presente a partir do qual são introduzidas – ou não – os demais tempos verbais (passados e futuros). Ou seja, embora possa conter memórias, elas não são seu conteúdo único nem necessário” (HOSIASSON, 2017, p. 86).

Como testemunho da vida particular e social, a carta também pode registrar assuntos ligados à literatura, as inovações literárias de um determinado período e suas discussões acerca do fazer literário. “Através da leitura crítica das cartas de um artista ou de um escritor, é possível a recuperação de processos criativos, de contextos de produção literária e de ambientes culturais do passado” (HOSIASSON, 2017, p. 89).

O TRABALHO EDITORIAL E EPISTOLAR DE ITALO CALVINO

Para Tânia Mara Moysés, professora doutora na linha de pesquisa Teoria Literária e Tradução, as cartas representam uma biografia intelectual do editor Italo Calvino e são tidas como um campo fértil de pesquisas sobre a cultura do *Novecento* italiano. Em sua tese, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, e intitulada *Lettere e I libri degli altri: lições de literatura na biografia intelectual de Italo Calvino*, o valor literário das correspondências está na escrita em tempo real, seja falando de si mesmo e de suas narrativas ou expondo sua opinião crítica e profissional acerca de textos outros (MOYSÉS, 2010, p. 30).

A análise de suas cartas me traz a convicção de que a leitura, independentemente de sua atividade editorial, exercida desde a juventude e por toda a vida, é o ponto-chave de uma das mais importantes colaborações de Calvino para a literatura: a *integração da tradição com a contemporaneidade* e isso inclui a teoria literária, por conta de sua visão de clássico. (MOYSÉS, 2010, p. 133, ênfase no original)

Calvino escrevia à mão cada correspondência que, depois de datilografadas por secretárias, retornavam ao editor para possíveis correções a assinatura. Tais missivas ainda não foram traduzidas para o português, mas permitem uma ampla visão do panorama editorial e literário do segundo pós-



guerra. Além deste *corpus* de 308 correspondências, outras tantas estão arquivadas, totalizando quase 5 mil.

Escritas entre os anos de 1947 a 1981, as cartas trazem diálogos entre grandes personalidades artísticas da época que partilham de suas produções e que recebem do editor einaudiano opiniões e correções textuais, linguísticas e estruturais de seus manuscritos. O fazer literário do período é reconstituído em grande parte pela epistolografia calviniana e seus registros laborais.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial a literatura passou a ser constituída por textos escritos que revelavam as experiências do grande desastre. A intenção da literatura de resistência era superar os traumas e denunciar a opressão sofrida pelo regime ditatorial. A literatura, de caráter testemunhal, foi caracterizada pelo tom de oralidade.

Logo depois, na Itália, temos a estética neorrealista, considerada dispersa e sem grande efervescência. *La paga del sabato*, do piemontês Beppe Fenoglio, publicado em 1969 é um exemplo deste tipo de narrativa. A história do livro descreve o retorno de um ex-partigiano, Ettore, de vinte e dois anos, que ao retornar do combate não consegue encontrar um trabalho que o represente. Sendo um dos primeiros a ler o manuscrito de Fenoglio, Italo Calvino escreve a Elio Vittorini, em 8 de novembro de 1950, dando sua opinião acerca da sua estrutura textual.

Caro Elio, **te envio o manuscrito de *La paga del sabato*, de um certo Beppe Fenoglio de Alba. Natalia e eu o lemos com muito prazer. É um livro que tem muitos defeitos de língua e de gosto (em certos pontos beira a pornografia); mas são todos defeitos locais, elimináveis com poucas correções.** E verifica-se um robusto narrador, fora de todas as complacências literárias, com muitas coisas para dizer. Há certos litígios com a mãe, algumas refeições em família, tantas coisas de relacionamentos familiares ou amorosos ou humanos, que verdadeiramente me parecem muito bonitos.

O assunto era muito difícil de abordar: ex *partigiani* que se tornam bandidos; e ele explica tudo com fatos, com uma moralidade toda implícita; quando não está lutando com uma situação psicológica, parece filme, mas um bom filme, acredito semelhante àqueles que você define como “seco”.

Em suma, espero que te agrade e que “se encaixe à sua coluna”, porque – ainda que possa ser considerado um



“neorrealista” de perto – não imita ninguém e apresenta coisas novas.⁴ (CALVINO, 1991, p. 34)⁵

O fim da Segunda Grande Guerra também foi um dos assuntos epistolares do editor. Em 26 de novembro de 1947, Calvino escreve para o historiador Franco Venturi:

Aqui se vive em uma atmosfera mais tensa, mas com uma certa euforia: se queimam sedes políticas e neofascistas. Scelba⁶ se apoia declaradamente nos fascistas, há grandes congressos de conselhos de gestão, a classe trabalhadora tem a moral mais alta, os da classe média estão em um momento de grande incerteza, se fala muitíssimo de guerra, mas ninguém a toma como uma verdade iminente.

Einaudi, o velho, tenta baixar os preços mas não consegue; Einaudi o nosso lançador de livros em velocidade, Pavese escreve um romance e Natalia também, Cicino corrige os esboços do novo Gramsci e está em êxtase, e da grande família vim fazer parte eu também, com trabalhos editoriais e publicitários.⁷ (CALVINO, 1991, p. 5-6)

⁴ “Caro Elio, ti mando il manoscritto de La paga del sabato, di un certo Beppe Fenoglio di Alba. Natalia ed io l’abbiamo letto con molto piacere. È un libro che ha molti difetti di lingua e di gusto (in certi punti rasenta la pornografia); ma tutti difetti locali, eliminabili con poche correzioni. E ne salta fuori un robusto narratore, fuori da ogni compiacimento letterario, con un sacco di cose da dire. Ci sono certi litigi con la madre, certi desinari in famiglia, tante cose di rapporti familiari o amorosi o umani, che davvero mi sembrano molto belle. L’argomento era molto difficile da trattare: ex partigiani che diventano banditi; e lui spiega tutto coi fatti, con una moralità tutta implicita; quando non è alle prese con una situazione psicologica, fa del cinema, ma del buon cinema, credo di quello che tu definisci “secco”. Insomma, spero che ti piaccia e che vada bene per la tua colla, perché – benché possa essere considerato un “neorealista” di stretta osservanza – non rifà il verso a nessuno e dice delle cose nuove”.

⁵ As aspas da citação são ênfases do original e os trechos em negrito são ênfases acrescentadas. (Todas as traduções do italiano para o português presentes neste artigo são de nossa autoria, exceto indicação em contrário).

⁶ Lei aprovada em 1952 para regular a apologia ao fascismo, proibindo a reconstrução do partido fascista e punindo qualquer de suas manifestações antidemocráticas.

⁷ “Qui si vive in un’atmosfera piú tesa, ma con una certa euforia: si bruciano sedi qualunque e neofasciste. Scelba si appoggia dichiaratamente ai fascisti, ci sono grandi congressi dei consigli di gestione, la classe operaia ha il morale piú alto, i ceti medi sono in un momemnto di grande incerteza, si parla moltissimo di guerra, ma nessuno in fondo riesce a crederla imminente. Einaudi il vecchio tenta di far ribassare i prezzi ma non ci riesce; Einaudi il nostro butta fuori libri a rotta di collo, Pavese scrive un romanzo, Natalia anche, Cicino corregge le bozze del nuovo Gramsci e va in estasi, e della grande famiglia sono venuto a far parte anch’io, con mansioni redazionali e pubblicitarie”.



A carta acima ilustra a posição de referência de Italo Calvino, em especial para a sociedade italiana. Além de enriquecer o universo literário com suas narrativas e comentários acerca da literatura, o intelectual nascido em Santiago de las Vegas, em 1923, participou da Resistência como soldado do movimento *partigiano*, atuando como guerrilheiro contra o regime fascista. O fascismo era para ele um caminho conduzido por ignorantes e desonestos e tal comportamento estaria relacionado à cobiça e à incompetência daqueles que governavam. A preocupação do editor para com a sociedade o acompanhará por toda a vida, e temos isso registrado também em suas correspondências. “O trabalho da memória social viabiliza a sensação de pertença do indivíduo a uma determinada comunidade. Pertencer a uma comunidade significa (com)partilhar memórias (...)” (BERND, 2013, p. 43).

Na década seguinte temos outra correspondência elaborada também por conteúdo político. A carta de 14 de novembro de 1956 é escrita a Attilio Dabini (1902-1981), crítico e tradutor italiano que morou em Buenos Aires e foi considerado um dos colaboradores da difusão da literatura italiana na Argentina, propagando escritores como Cesare Pavese, Vasco Pratolini, Alberto Moravia e Elio Vittorini. Amigo de Italo Calvino, ele também foi seu interlocutor.

Caro Dabini, me disse outro dia Dario Puccini que não recebeu nem minhas cartas nem meus livros Einaudi. Isso me entristeceu, não somente porque sou um correspondente ruim que sofro muitas vezes de remorso, mas também porque pensei que poderia não ter recebido a minha última, que (como verifiquei agora) partiu no avião de 10 de outubro (...). Temos uma vida esmagada por mil ocupações e preocupações (são três anos que não consigo escrever sozinho) e estas últimas semanas de angústias políticas que não mostram sinais que terminarão são ainda mais dissolventes para cada atividade concreta.⁸ (CALVINO, 1991, p. 198)

É possível que a situação política percorrida na correspondência faça referência à invasão soviética na Hungria, esta que lutava contra o governo comunista e as políticas impostas por Moscou. Em 4 de novembro deste ano

⁸ “Caro Dabini, mi ha detto l’altro giorno Dario Puccini che non ricevi né mie lettere né libri Einaudi. La cosa mi ha rattristato, non solo perché sono un così cattivo corrispondente che soffro spesso di rimorsi in questo senso, ma anche perché ho pensato che non devi aver ricevuto l’ultima mia, che (come ora ho controllato) è partita per aereo il 10 ottobre (...). Facciamo una vita frantumata in mille occupazioni e preoccupazioni (sono tre anni che non riesco più a scrivere per conto mio) e queste ultime settimane di angosce politiche che non accennano a finire sono ancora più dissolventi per ogni attività concreta”.



(1956), uma grande força militar russa entrou em Budapeste, para impedir a resistência.

Como objeto de memória, a carta reconstrói o passado a partir do momento em que é lida. No livro de correspondência isso acontece no campo político, como acabamos de visualizar, mas principalmente no campo da literatura.

Uma das principais obras de Italo Calvino, *Il barone rampante* (*O barão nas árvores*), de 1957, fora lida por Elio Vittorini antes de ser publicada e o autor comenta as impressões do amigo:

Caro Elio, **queria informar-te que as tuas observações sobre *Barão nas árvores* me foram muito úteis**, e acredito ter encontrado uma fórmula bastante simples para diminuir a diferença estilística dos últimos capítulos em relação aos primeiros, como, por exemplo, o capítulo sobre a guerra das armadas francesas no bosque que coloquei em primeira pessoa, narrado pelo protagonista, como uma das tantas aventuras, mais inventadas do que verdadeiras, que ele conta. O mesmo fiz, ou somente indiquei, em diversos pontos, nos quais as invenções são inverossímeis. É um paliativo, mas me pareceu o único sistema para atenuar as desarmonias, sem ter que reescrever, o que não sentia vontade de fazer. Assim, o livro sairá agora, em torno de dez dias.⁹ (CALVINO, 1991, p. 222, ênfase acrescentada)

Assim como *O barão nas árvores* (1957) outras obras do escritor são mencionadas nas correspondências: dentre as mais conhecidas *O visconde partido ao meio* (1952) e *O cavaleiro inexistente* (1959) que formam, em união com o texto comentado por Elio Vittorini, a trilogia *Os nossos antepassados* (1957).

Primo Levi, autor de *É isto um homem?* (*Se questo è un uomo?*), recebeu orientações do editor da Einaudi. *Il sistema periodico*, o quinto

⁹ “Caro Elio, volevo informarti che le tue osservazioni sul Barone rampante mi sono state molto utili, e credo d’aver trovato una formula abbastanza semplice per attenuare il divario stilistico degli ultimi capitoli dai primi. Cioè, per esempio il capitolo sulla guerra delle armate francesi nel bosco l’ho messo in prima persona, come raccontato dal protagonista, come una delle tante avventure più inventate che vere che egli racconta. Lo stesso ho fatto, o solamente accennato, in diversi punti, cioè la dove più le invenzioni sono movimentate e inverosimili. È un palliativo, ma m’è parso l’unico sistema per attenuare le stonature, senza riscrivere, cosa che non mi sentivo di fare. Così, il libro uscirà ora, tra una decina di giorni”.



livro publicado pelo escritor, é o conteúdo da missiva datada de 12 de outubro de 1974:

Caro Primo, vi *Il sistema periodico*, novo rascunho, e acho que vai muito bem. (...). Colocar Carbono na parte inferior, simbolizando a experiência do escritor é uma boa ideia. E sendo agora todo o sistema do livro mais robusto, até mesmo a heterogeneidade de Chumbo e Mercúrio (...) não perturba o todo.

Quanto a Árgon tenho as minhas ressalvas sobre o que está no início (não obstante o seu valor de prólogo) porque é o único capítulo em que o elemento químico é metafórico; aqui também a discrepância estrutural daria menos à vista se o capítulo aparecesse no meio do livro.¹⁰ (CALVINO, 1991, p. 606)

O livro foi escrito trinta anos depois do retorno de Primo Levi de Auschwitz e narra a vida do autor e a época em que o mesmo exerceu a profissão de químico. O seu título, *O sistema periódico*, faz referência aos elementos químicos desenvolvidos por Mendeleev, em 1869. Dividida em 21 capítulos cada um com o nome de um determinado elemento químico – como Carbono, Chumbo e Mercúrio, a obra é desenvolvida a partir de situações da vida cotidiana e do trabalho do escritor.

Cânone da literatura italiana, Calvino participou efetivamente da sua formação, corrigindo e influenciando na elaboração de textos produzidos na época. Sua crítica, apesar de rude em alguns momentos, é sempre sincera e provavelmente influenciou nas correções de muitas narrativas. Um dos textos de Silvio Micheli, escritor italiano, é comentado pelo editor em uma carta de 14 de julho de 1950:

Caro Micheli, Eu li *Tutta la verità* e a transmiti ao Conselho editorial (...). Eu começo pela parte negativa: não é um livro de fácil leitura, nem (ao menos para a primeira metade) que "prenda", que te atraia em seu próprio círculo mágico, como

¹⁰ "Caro Primo, ho guardato *Il sistema periodico* nuova stesura e mi pare che vada molto bene (...). Mettere Carbonio in fondo, facendogli simboleggiare l'esperienza dello scrittore è una buona idea. Ed essendo ora tutto l'impianto del libro piú robusto, anche l'eterogeneità di Piombo e Mercurio (...) non turba l'insieme. Quanto a Argon ho sempre le mie riserve sul fatto che sia in apertura (nonostante il suo valore di prologo) perché è il solo capitolo in cui l'elemento chimico sia metaforico; anche qui la diffomità strutturale darebbe meno nell'occhio se il capitolo comparisse verso la metà del libro".



fazem todos os livros de sucesso. Avançamos com dificuldade, o ritmo humano (que é o da miséria e solidão de *Pane duro*) é feito não-liricamente, mas com um enredo um pouco frio de rasgos de fábrica, cujas razões não são compreendidas até o fim, a linguagem é muito mais moderada do que nos outros livros, na escolha dos seus atributos dialetais e gírias mas a quantidade de termos técnicos do qual é carregado permanece um pouco como escrito com outro corpo tipográfico, ou seja, não escrita e essas máquinas que você insiste minuciosamente não se veem mais, já não conseguem interessar nem a você nem a nós. (...). Mas na minha opinião o fato de que devemos dedicar alguma atenção a este livro é este: é uma das primeiras tentativas italianas de trabalhar no centro de um trabalho narrativo, de fazer um "romance de fábrica" ao estilo soviético. Acredito que a tentativa falhou, mas por outro lado eu não conheço nada desse tipo que seja completamente bem sucedido e eu realmente não sei se isso pode ser feito; eu tenho ideias bastante vagas sobre o assunto.¹¹ (CALVINO, 1991, p. 26-27, ênfase no original)

Tutta la verità foi publicado em 1950 e traduzido em países como Polônia, Romênia, Tchecoslováquia e União Soviética. Como tantos outros escritores, tradutores, Silvio Micheli teve seu manuscrito comentado pelo editor, o que provavelmente contribuiu nas prováveis revisões até sua publicação final pela Casa Einaudi.

¹¹ “Caro Micheli, ho letto *Tutta la verità* e ne ho riferito al Consiglio editoriale. (...). Comincio dalla parte negativa: non è un libro di facile lettura, né (almeno per la prima metà) che “prenda”, che ti tiri in un suo cerchio magico, come fanno tutti i libri riusciti. Si va avanti un po’ a fatica, il ritmo umano (che è quello di miseria e solitudine di *Pane duro*) è reso non liricamente, ma con un intreccio un po’ freddo di ripicchi di fabbrica, le cui ragioni non si capiscono fino in fondo, il linguaggio è molto più sobrio che negli altri libri, nella scelta dei suoi attributi dialettali e gergali ma la quantità dei termini tecnici di cui è zeppo rimane un po’ come scritta con un altro corpo tipografico, cioè non scritta e queste macchine su cui tu minuziosamente insisti non si vedono mai, né a te né a noi riescono a interessare. (...). Ma secondo me il fatto per cui bisogna dedicare a questo libro una certa attenzione è questo: è uno dei primi tentativi italiani di mettere il lavoro al centro di un’opera narrativa, di fare un “romanzo di fabbrica” alla sovietica. Credo che il tentativo non sia riuscito, ma d’altra parte non conosco nulla di questo genere che sia completamente riuscito e non so davvero se si possa farlo; ho idee piuttosto vaghe all’argomento”.



CONCLUSÃO

De acordo com o professor doutor e especialista nos estudos epistolares, Marcos Antonio de Moraes, da Universidade de São Paulo, as correspondências que são constituídas por debates e comentários de produções são capazes de tornar visível os bastidores e as linhas de força de todo um movimento artístico. É nas linhas de cada missiva que, segundo ele, nos deparamos com um “arquivo de criação” (MORAES, 2007, p. 92). E completa: “A carta, enquanto terreno de experiência e partilha, figura como lugar privilegiado no desenvolvimento literário” (p. 92). Assim podemos complementar que: “(...) a memória é o único caminho possível entre o presente e o passado” (ESTEVES, 2017, p. 174). Por meio de suas correspondências, é possível notar todo o compromisso de Calvino para com a arte de seu tempo: mais que cumprir com uma exigência de sua posição na editora, ele se sentia comprometido com o fazer literário, buscando o melhor de todos os seus correspondentes.

É a presença de Italo Calvino que se perpetua no universo literário também por meio de outros escritores, sejam eles italianos ou não. O trabalho editorial de Calvino está registrado nas muitas correspondências conservadas que constituem a memória profissional do intelectual. Ao trazer para o seu texto as ideias de Pierre Nora (1931), Zilá Bernd (2013) relembra que, para o historiador francês, “a memória se enraíza no concreto, no espaço (...) nos gestos e nas imagens, servindo de fundamento para a construção identitária” (BERND, 2013, p. 38). As cartas inseridas em *I libri degli altri* estão arquivadas na Fundação Maria Corti, na Universidade de Pavia.

REFERÊNCIAS

BERND, Z. Estratégias memoriais na sociedade contemporânea. In: _____. *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p. 25-45.

CALVINO, I. *I libri degli altri: lettere 1947-1981*. Torino: Einaudi, 1991.

CAMARGO, J. L. *I libri degli altri: panorama literário italiano no pós-guerra nas cartas de Italo Calvino*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

CAMARGO, M. R. R. M. *Carta e escrita: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade*. São Paulo: Unesp, 2011.



ESTEVES, A. R. História e memória. In: GONZÁLES, E. P.; COSER, S. (Org.). *Em torno da memória: conceitos e relações*, v. 1. 1. ed. Porto Alegre: Letra1, 2017, p. 171-180.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Tradução de Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja, 1992, p.129-160.

HOSIASSON, L. J. Correspondência e memória. In: GONZÁLES, E. P.; COSER, S. (Org.). *Em torno da memória: conceitos e relações*, v. 1. 1. ed. Porto Alegre: Letra1, 2017, p. 85-94.

MACIEL, S. D. A literatura e os gêneros confessionais. In: BELON, A. R.; MACIEL, S. D. *Em diálogo: estudos literários e linguísticos*. Campo Grande: UFMS, 2004, p. 75-91.

MORAES, M. A. M. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2007.

MOYSÉS, T. M. *Lettere e I libri degli altri: lições de literatura na biografia intelectual de Italo Calvino*. Tese (Doutorado em Literatura). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

